

CONTOS DE CÃES E MAUS LOBOS, DE VALTER HUGO MÃE:

O ERRO COMO FONTE DE MUDANÇA PARA UM MUNDO MELHOR

PAULO JORGE AUGUSTO MATOS*

Resumo: *Contos de cães e maus lobos, de Valter Hugo Mãe, é um livro de contos que nos desvenda um mundo imperfeito e nos conta histórias em que os erros da Humanidade são base de reflexão. São os erros de muitas das personagens, reflexo das falhas da realidade, que inspiram o escritor a sugerir uma mudança para um mundo melhor onde reine o respeito pelo outro, a dignidade do ser humano, a felicidade de todos. Assim, é partindo do(s) erro(s) que Valter Hugo Mãe tenta incentivar o leitor a agir, a encontrar soluções para os problemas globais. Procura, pois, que quer adultos quer crianças construam um lugar harmonioso para se viver, onde a imaginação e a esperança fundamentam a sua quête pela vida edénica nas vivências terrenas.*

Palavras-chave: Erros; Valores; Humanidade; Ação

Abstract: *Contos de cães e maus lobos (Tales of dogs and bad wolves), by Valter Hugo Mãe, is a book of tales in which the author reveals an imperfect world and tells us stories of the errors of Humankind which lead us to reflection. It is the multiple characters' errors, mirror of the flaws of reality, that inspire the writer to suggest a change for a better world where the respect for others, the human being's dignity, and the happiness of all abide. Hence, it's from the fault(s) that Valter Hugo Mãe tries to engage the reader to act, to find solutions for general issues. He, therefore, strives that either adults or children build a harmonious place to live, where imagination and hope support his quête for the edenic life in worldly living.*

Keywords: Errors; Values; Humanity; Action

Quero dizer, tempo nenhum me curará o medo de errar e de estar culpado nos erros que me impedem de ser feliz.¹

Eu confesso que ando há muito tempo a tentar perceber as pequenas coisas em que posso melhorar-me como indivíduo. Podemos sempre ser um pouco melhores, se ao menos percebermos isso ou procurarmos constantemente corrigir aquilo em que manifestamente erramos.²

O propósito das pessoas é saberem algo, é saberem sempre melhor e o melhor. Saber ser bom.³

A 22 de março de 2016, na sua página do Facebook, Valter Hugo Mãe testemunha a sua indignação relativamente aos atentados terroristas perpetrados pelo *Daesh*, em Bruxelas:

* CITCEM, paulojamatos@gmail.com.

¹ MÃE, 2016b.

² MÃE, 2010.

³ MÃE, 2017: 4.

as notícias do mundo são assustadoras. a beleza dos lugares por onde viajamos fere-se no dia-a-dia da humanidade. tudo sangra. espero que não percamos a capacidade de esperar melhor. de algum modo, é tempo de fazer esperança. fazer.

A propósito deste acontecimento, considerará, na crónica *Deus*⁴, que mortes perpetradas em nome de Deus são um erro, pois que são uma injustiça contra o próximo baseada num motivo ignóbil: o ódio. Aliás, é no ódio que Valter Hugo Mãe concentra todas as falhas humanas, porque ele encerra em si a falta de tolerância, a ausência de aceitação do Outro. O erro dos homens é exatamente o de não viverem pacificamente aceitando que os outros e a sua diversidade nos enriquecem a todos. Isto porque aos homens carece-lhes serem gente.

Estas palavras do escritor ilustram tudo o que busca alcançar com os seus escritos: pela denúncia da violação das condições humanas, pela crítica ao desrespeito pelos direitos inerentes à dignidade do ser humano, Valter Hugo Mãe procura a felicidade do mundo, baseando-a na esperança de que ele recupere de todas as feridas de que vai sangrando.⁵

A escrita de Valter Hugo Mãe mostra cruamente a realidade, sem a embelezar de modo algum, apresentando-a reles, feia, negra. Mas essa escuridão cumpre a sua função crítica, já que espera o iluminar, a luz, o celestial. É, no fundo, a dicotomia das trevas contra a luz pacificadora, a luz do mundo ideal, em busca incessante por justiça, o *fazer*, sacrificial por vezes, a que alude na sua publicação do Facebook.

Contos de cães e maus lobos atestam efetivamente esta *quête* de renovação do mundo, propósito que advém dos contos tradicionais populares, ainda que esta opção não seja explicada pelo autor.

O título da obra sugere-o de imediato, visto a referência aos canídeos nos transportar para as histórias escutadas das vozes queridas da nossa infância. À medida que nos adentramos na leitura destes contos, vamos percebendo que há uma fonte inspirativa naqueles contos. Diz-nos Mia Couto, no prefácio que ofereceu a esta obra valteriana, que a(s) voz(es) narradora(s) dos contos nos estende(m) um «convite ao regresso a um recanto de que nunca saímos, um reencantamento da infância, uma cumplicidade de quem partilha vazios e silêncios»⁶. Há, de facto, ressonâncias de *Capuchinho Vermelho*, de *Branca de Neve* e de *Gata Borracheira*, por exemplo. Há princesas e monstros e meninos mágicos feitos de água... Há uma linguagem metafórica, onírica, feérica, até, cheia de construções sintáticas comumente ilógicas, maravilhosas, um estilo simbólico do mundo do sonho, da utopia, decerto, capacidade do autor, qual criança, de imaginar um outro mundo, uma outra visão do mundo, em que, mágico, ideal, o sonho da felicidade seja real. Mas essas carícias intertextuais servem o propósito de os homens e as mulheres, os leitores adultos, refletirem sobre moralidades hodiernas, não necessariamente universais, mas que se pretende que o sejam. Daí que Mia Couto, nesse mesmo texto que inaugura o livro, refira que «estes contos, mais do que gigantesco, não têm tamanho»⁷.

4 MÃE, 2016a.

5 Afonso Cruz, muito a propósito, considera que «arte e a literatura têm a obrigação de lacerar a realidade e de abrir a cortina para novas possibilidades [...], a arte não deve estar em harmonia com a realidade, deve magoá-la, deve ser uma dissonância, deve recriá-la, colocar hipóteses, caminhos e perguntas. E já se sabe que uma pergunta é capaz de magoar, é tirar o teto a uma casa e ficar exposto ao céu, à luz e à tempestade» (CRUZ, 2015).

6 COUTO, 2015: 11.

7 COUTO, 2015: 12.

Todavia, desengane-se o leitor que ficar sugestionado pelo título do livro, julgando encontrar no seu interior contos de embalo e adormecimento. Nada disso convém ao autor. Pelo contrário, Valter Hugo Mãe pretende mesmo fazer acordar, recordar que as histórias que conta são para serem lidas como forma de esclarecimento. Assim como os contos tradicionais são lições de vida, assim também o são estes contos.

As referências irónicas aos *cães* e aos *maus lobos* contribuem para esse despertar das mentes. Se a primeira referência remete para a adjetivação pejorativa que se atira a alguém desprezível, cujas más ações e/ou intenções o tornam protótipo da má raça, o jogo de palavras *maus lobos*, que logo à primeira leitura se estranha, confirma, em simultâneo, a razão que norteia a obra. Porquê *maus lobos* e não lobos maus? A escolha da posição não restritiva do adjetivo não é inocente. Para começar, exceto no conto *O mau lobo*, não há personagens animais, que poderiam aproximar estes contos das fábulas. Por outro lado, e nesse intuito, *maus lobos* é conotação de maus homens. O que importa a Valter Hugo Mãe é provar não que os homens são maus — disso ele tem já a certeza —, mas antes tornar evidente que os homens não sabem ser homens, que os homens não aprenderam ainda a construir o mundo, a lutar pelas virtudes morais, a manter a sanidade da sua dignidade, logo ainda não aprenderam a ser predadores do Bem comum, sendo-o, em vez disso, predadores uns dos outros.

Ou seja, estes contos de Valter Hugo Mãe são um presente agridoce: se, por um lado, nos comove a sua escrita enleante, se nos flecha o peito com histórias de fragilidade múltipla, por outro, bombardeia-nos com a culpa, com a consciência dos erros da Humanidade, com a certeza de que esses erros são de todos nós, convidando-nos, por tal, a acertarmos esses erros, levando-nos a «estarmos disponíveis a sermos outros»⁸, isto é, a crescermos como gente, a humanizarmo-nos.

Contos de cães e maus lobos ilustram exatamente vários erros que a Humanidade precisa de resolver. A passo e passo, apercebem-nos de que já ouvimos uma história semelhante, de que conhecemos alguém que sofre do mesmo problema, de que uma situação mereceu o nosso auxílio, mas que nada foi feito para ser resolvido. O que é um problema. Subtilmente, por silêncios, mas mesmo abertamente, Valter Hugo Mãe julga-nos (um «nós» abrangente em que também se insere) e convida-nos à ação, à resolução desses erros. Procura, assim, esperançadamente, aproximar o mais possível as vivências terrenas de um bem-estar paradisíaco em que a felicidade reine entre todos.

Valter Hugo Mãe tenta tirar-nos a venda dos olhos para que possamos acordar/despertar para os problemas universais que muitas vezes fingimos não ver. É um *abre-te sésamo* ideológico, um *fiat lux* moralizante. De facto, ao referir-se às histórias de *Mil e uma noites*, Valter Hugo Mãe como que discorre sobre os seus próprios contos: «Estas histórias são um pacto para a consciencialização e reconhecimento do poder de cada um. Sem esquecer, um poder regenerador, nunca para o abate ou submissão de alguém. O poder mais digno de todos»⁹.

Em *Bibliotecas*, conto-crónica que finaliza o conjunto de *Contos de cães e maus lobos*, fala-se do valor dos livros e, inerentemente, do valor deste livro. De facto, ao afirmar que os

⁸ COUTO, 2015: 12.

⁹ MÃE, 2017: 6.

livros «[s]ão estações do ano, dos anos todos, desde o princípio do mundo e já do fim do mundo»¹⁰ e que «tapam furos da cabeça»¹¹, o locutor denuncia a sua visão sobre o estado do mundo. Para ele, o presente é o desconcerto que precisa de ser arranjado pelos livros, porque «dentro de um livro nunca se faz escuro»¹².

Alardear sobre a iluminação intelectual advinda da leitura é o foco do escritor. Ao falar dos livros, ele refere-se aos seus livros, em geral, e a este de contos, em particular, ao seu valor e à sua capacidade de fazer crescer os homens, de lhes abrir as mentes e, sobretudo, e por consequência, de tornar os leitores seres civicamente ativos para melhorarem o mundo e o tornarem num lugar mais feliz:

Depois da leitura de muitos livros pode ficar-se com uma inteligência admirável e a cabeça acende como se tivesse uma lâmpada lá dentro. [...]

Já vi gente a sair de dentro dos livros. Gente atarefada até com mudar o mundo. [...] Muita gente que vive dentro dos livros tem assuntos importantes para tratar. Precisamos de estar sempre atentos. Às vezes, compete-nos dar apoio. Alguns livros obrigam-nos a pôr as mãos ao trabalho. Mas sem medo. O trabalho que temos pela escola dos livros é normalmente um modo de ficarmos felizes.

[...] [O]s contos de pequenos não têm nada. Se os soubermos entender, crescemos também, até nos tornarmos monumentais pessoas. Edifícios humanos de profundo esplendor.

*Devemos sempre lembrar que ler é esperar por melhor*¹³.

A grandeza do leitor após a leitura advém, pois, do imaginar um mundo melhor, sem erros, em que amar o outro seja a finalidade para o alcance da Felicidade absoluta.

O erro-base do primeiro conto da obra, «A menina que carregava bocadinhos», é o trabalho infantil, sendo presumível as consequências emocionais que dele advém.

Uma menina de nove anos vai trabalhar para uma casa onde julgava vir a ser bem tratada — «vão engordar-me, vão acalmar-me, vão educar-me as palavras e pôr-me bonita»¹⁴ —, mas onde, afinal, faz todo o tipo de trabalho doméstico em troca de comida e guarida, qual gata borralheira, e onde apenas é alvo de ordens e ralhetes. Tal tratamento fá-la sentir-se familiarizada com os cães que trata, pois, «como eles [estava] aprisionada e fiel, o que era diferente de ser feliz ou, sequer, entender a felicidade»¹⁵. Entendia claramente que era vista como um «enfeite bastante»¹⁶ e que apenas deveria estar asseada, «para ser uma presença sem susto e sem cheiros na delicadeza que era a vida rica dos seus nobres senhores.»¹⁷.

Para não sofrer, a rapariga «fortalece-se» pelo esquecimento do passado (a família e a infância), concentrando-se no seu presente de trabalho-sopa-trapos-descanso, ainda que, também, de falha emocional. Dedicar-se, assim, à arte da sobrevivência, ao refúgio da inexistência.

¹⁰ MÃE, 2015: 149.

¹¹ MÃE, 2015: 149.

¹² MÃE, 2015: 150.

¹³ MÃE, 2015: 151-152.

¹⁴ MÃE, 2015: 21.

¹⁵ MÃE, 2015: 22.

¹⁶ MÃE, 2015: 22.

¹⁷ MÃE, 2015: 22.

Aos quinze anos, recebe da patroa uma *écharpe* de grande requinte, menosprezada porque rota. A rapariga enche-se de felicidade e faz do lenço uma bela blusa que a torna extremamente bela. Diz-nos o narrador que a menina renascia: de borralheira passava a cinderela, de criança abandonada passava a moça requintada, tal era a luminosidade que dela emanava: «Amanhecia o domingo de verão e a moça, também corada, parecia parte da luz nascendo»¹⁸. Ao consertar o lenço, a rapariga criou uma «obra perfeita»¹⁹, tornou-se ela própria uma obra aperfeiçoada. Esse foi o seu primeiro erro. «[C]omo se houvesse culpa em alguém se mudar para bonito»²⁰, a patroa, ciumenta, ordenou-lhe que usasse o seu trajo de criada, porque «[s]er bonita estava absolutamente fora das suas competências»²¹. A sua obrigação era não ter direitos, não ter dignidade como mulher: «Estava obrigada a ter decoro, a ser discreta. Estava obrigada a ser ninguém»²². Querer ser bonita, nem que fosse na hora de ir à missa ao domingo, era aos olhos da sociedade uma arrogância, um atrevimento.

Ferida no seu orgulho, a jovem convence-se de que sonhara demasiado, de que fora ingenuamente ridícula. Perde, então, a autoestima, mas regressa, expurgando a dor, ao esquecimento do erro, para «recuperar a calma e a urgente sensação de dignidade»²³. Mais um peso, este, na caminhada para a morte interior.

Ausente para cumprir um recado, a patroa vasculha o quarto da criada, encontra o lenço e descobre a arte imaculada da moça. (Que belo momento este, no qual o narrador evidencia o contraste entre a inutilidade e a futilidade da patroa e a capacidade de (re)criação da jovem rapariga!). A patroa fica, então, pensativa, considerando, em todo o seu preconceito, que era um absurdo ser atribuído um dom daqueles a uma criada. Era um talento inconcebível, «uma inteligência insuportável a uma criada. A senhora achava que as criadas deviam ter uma inteligência reservada, manifesta no cuidado da casa e no bem-estar essencial dos patrões»²⁴. Furiosa, decide aproveitar-se da rapariga como «costureira para as suas vaidades»²⁵.

Aos dezoito anos, a rapariga, já mulher feita, apaixona-se, de forma correspondida, pelo moço de entregas, mas não sabe como gerir e expressar os sentimentos. «A moça, sem querer, carregava aos bocadinhos o amor para dentro de cada gesto, como quem se movia para o único objetivo. De tudo quanto alguma vez carregara, o amor era o mais difícil de segurar»²⁶. Novo erro da jovem. Mais uma vez ciumenta, a patroa exige um homem velho para fazer as entregas. Desta vez, a reação da rapariga é já outra. A dor psicossentimental que acumulara ao longo da sua vida é projetada em dor física: a jovem começa a magoar-se, a comer e a dormir menos, «igual a emburrecida, estragada, adoentada, malcriada»²⁷. Castiga-se, porque percebe o seu erro: presa à gratidão, nunca foi capaz de impor limites ao abusador. Deixou-se humilhar e perder a dignidade. Na única vez em que foi amada, perdeu

¹⁸ MÃE, 2015: 24.

¹⁹ MÃE, 2015: 24.

²⁰ MÃE, 2015: 24.

²¹ MÃE, 2015: 24.

²² MÃE, 2015: 25.

²³ MÃE, 2015: 25.

²⁴ MÃE, 2015: 26.

²⁵ MÃE, 2015: 27.

²⁶ MÃE, 2015: 28.

²⁷ MÃE, 2015: 28.

a oportunidade de o ser e, sem escape, percebendo finalmente que, se o permitisse, o sonho e a esperança se concretizariam, a moça faz do seu estado mais uma força e começa «a pensar para longe como um animal enjaulado que apenas concebe o caminho livre»²⁸.

Assim, num domingo emancipado, a rapariga, vestida com a blusa luminosa, assume o rito de passagem para a idade adulta: abandona a inocência e encara a realidade. Percebendo que tem de ser dona da sua vida, vai à procura do verdadeiro amor: simbolicamente, desenjaula os cães de que cuidava e foge para a floresta onde viviam os seus pais e de onde nunca mais regressou, porque aí se «imolou». Diz o narrador: «A liberdade também era isso, não voltar»²⁹. E este não regresso é fonte de iluminação interior: de um lado, para a jovem mulher, o suicídio metafórico é a luz da salvação, é a libertação redentora, a purificação da alma, que lhe permite uma nova vida, (mais livre, quiçá), de natureza celeste, uma vida livre do preconceito, do pensamento feudalizado, longe do desrespeito e da opressão; do outro lado, a cegueira contrastante da patroa, ser castrador da criatividade e da personalidade da rapariga, monstro opressor e vingativo, torna-se a luz do esclarecimento e motivo do conseqüente crescimento do leitor.

O menino de água é um conto-reminiscência do drama dos refugiados, já que faz lembrar o caso do menino que morreu afogado numa travessia para a Europa, cujas imagens chocantes correram mundo. Apresenta-se a dor interior de uma mãe que culpa o mar por ter levado o seu filho para a morte, porque ela sonhou com uma vida melhor. A mensagem subliminar é a de culpar as autoridades europeias. Não é dito, mas compreende-se o «recado» do narrador: a ação da Europa foi um erro para com os milhares de pessoas que tentaram uma vida melhor, um erro que não será esquecido tão cedo, pois não é fácil afastar das mentes o corpo de um bebé baloiçando, inerte, ao sabor das ondas. O mar, símbolo de esperança, de novas possibilidades, neste conto encerra-se em si próprio, isolando-se da terra edénica idealizada. O mar, esse veículo para uma nova vida cheia de esperança, é aqui clausura, o fechamento de uma Europa supostamente humana e humanitária, que falhou nos seus princípios e que, como tal, precisa de se repensar para poder evoluir. Um mar-metonímia castrador dos sonhos de sobrevivência e de felicidade.

A morte desta criança representa, pois, a desilusão do sonho, o fracasso das possibilidades, a perda da liberdade da criança perante o que não pôde ser. Esta morte acaba por se constituir como ícone do erro e, logo, exemplo do que não se deve fazer. Tal como o mar é imenso e aberto a novas descobertas, também o menino morto se converte em símbolo de abertura a valores corretos, a novas consciências, a prementes atitudes.

O erro presente no conto *Querido monstro* assenta na solidão infantil. É a história de um menino de onze anos que se sente só, dada a falta de atenção, pelo que cria um mundo de amigos imaginários (um monstro triste e um lobo velho), nos quais projeta os seus receios. A forma que encontra para acertar esse erro da falta de afeto por parte da família ou da sociedade é ele próprio dedicar aos seus amigos imaginários o amor e a atenção que não obtém de ninguém.

²⁸ MÃE, 2015: 29.

²⁹ MÃE, 2015: 29.

Esses amigos, normalmente o terror das crianças, não atormentam o menino, que sentia esperança em os levar a cumprir a sua função assustadora: «Não tinha lógica alguma criar os meus amigos imaginários para que me deixassem sozinho»³⁰.

Mas esses «monstros», esses pensamentos negativos do menino, ansiavam por salvação, não queriam assustar, queriam dar alegrias, queriam não cumprir o seu destino e melhorar o mundo. Então, pedem ao menino poemas de amor. Entusiasmado, o menino acaba por se apaixonar por uma menina e os monstros desaparecem para sempre da sua vida. Ainda que não tivessem cumprido a sua função, levaram o menino a perceber que o mundo é muito melhor sem medos e que os problemas, se mergulhados em esperança, podem vir a ser solucionados: «[A]inda que guardemos a memória de cada dificuldade, podemos sempre optar por regressar à busca das ideias felizes»³¹. No fim, o menino percebeu que o seu inconsciente lhe deu o oposto do que tentava encontrar por mágoa: ao contrário de povoar o mundo de monstros e más ações, porque não sabia o que era amar e ser amado, o menino passou a dar amor, para também o receber. Termina dizendo: «[P]rometi lutar para que nunca mais ninguém naufragasse nos meus braços. Apenas sorrisse. Eu disse: quero ver as pessoas todas do mundo a rir»³².

Em *A princesa com alma de galinha*, é evidente, à partida, o erro da sua protagonista. Tomamos conhecimento imediato com uma princesa que foge às convenções, o que logo causa estranheza. Esta princesa tem sonho de ser enfermeira, pois «gostava de acreditar que o carinho e a ajuda fazem sempre sentido»³³ e «para cuidar das pessoas racionais e irracionais»³⁴, os órfãos, os pobres, os doentes.

Considerada louca por querer ter uma profissão e por não ter um comportamento digno da sua posição (andava sempre suja e desalinhada), é repreendida pelo rei. A menina justifica querer ver todas as pessoas saudáveis e contentes. Novo erro: para o rei, autoritário, controlador, retrógrado, nunca poderá haver um povo contente. A filha «estava doente, deficiente, habitada por um marciano, estava torta, indisposta, estragada, enganada, desconcentrada, desleixada, casmurra. Estava muito burra»³⁵; precisava de internamento urgente, para uma cura eficaz. O povo, ignorantemente submisso, concordava com o rei, estranhando uma princesa «anormal», julgando-a incapaz de governar. Deveria ser uma burrice passageira, o estado da princesa, confusa do seu ser.

Remetida à sua função de princesa aprendente da formação e das regras sociais próprias da sua condição, a jovem entristecia-se e chorava, procurando uma solução que resolvesse a rigorosa postura que lhe impunham. Sai um dia, disfarçada, para cuidar dos animais, mas é apanhada em flagrante e, de novo, é-lhe prometido o colégio interno, onde a sua educação será austera, o que a faz sentir cada vez mais prisioneira dos preconceitos, pois que a educação que tinha não lhe dava margens para mostrar os seus atributos, apenas os impostos. Todavia, a princesa traz consigo um ninho abandonado com sete ovos caren-

30 MÃE, 2015: 50.

31 MÃE, 2015: 52.

32 MÃE, 2015: 52.

33 MÃE, 2015: 59.

34 MÃE, 2015: 59.

35 MÃE, 2015: 61.

tes de calor materno. Esperava poder enganar a natureza e, para tal, coloca o ninho debaixo de um candeeiro. Talvez tivesse alma de galinha, pensou, mas tinha a certeza de que tinha a alma de todas as pessoas do mundo, tão afetuoso e solidário era o seu coração.

Compreende, assim, o que fazer: para (con)vencer, terá de se sacrificar. Percebe, enfim, o poder que tem com a posição que ocupa na vida. Percebe que uma verdadeira princesa, futura rainha, que se quer seguida por todos, tem de ser líder. Propõe, então, ao pai cumprir todas as suas orientações, se puder ficar perto das suas «pessoas», daqueles que dela precisam. Preocupada, afirma: «Se não me puderem ver ou tocar, ao menos que se saiba que eu estou aqui e que penso na felicidade deles como se faz num desejo de boa sorte. Talvez se salvem as pessoas todas só porque o desejamos quando o desejamos tanto. Mesmo que elas não nos entendam, mesmo que ninguém nos entenda. Talvez o desejo seja um aviso para que as coisas boas aconteçam sem precisarem de explicações complexas»³⁶.

Por conseguinte, a princesa passou a vigiar a evolução dos sete ovos, imaginando-se a preparar os passarinhos para o voo da liberdade. E quando os ovos eclodiram, «[u]m coração de galinha alegrara-se no seu peito»³⁷. Nesse momento, a princesa teve a certeza de que eles iriam saber voar. De facto, na festa de aniversário do rei, por descuido das criadas reais, os pássaros escapam do quarto e, durante a apresentação aos súbditos, na varanda do paço, voam até junto da princesa, pousam nos seus ombros, embelezando-lhe o busto e oferecendo-lhe um porte de rainha, líder espiritual do reino. Imensamente feliz, a princesa reconhece que o sacrifício por que passou resultou em liberdade e amor ao próximo. O ciclo do ritual de crescimento, simbolizado pelo número de sete passarinhos, completa-se nesse instante. Aliás, a princesa completa-se nesse instante. De facto, como verdadeira futura rainha, discursa aos súbditos, maravilhados com tamanha comunhão, dando-lhes uma lição de vida sobre a capacidade que devemos ter de aceitar o Outro na sua plenitude, incentivando as suas particularidades e as suas habilidades, incentivando a sua liberdade de escolha: «Se um dia se fizer o meu busto, que seja assim. Porque a natureza nos dá a oportunidade de ocupar os lugares mais improváveis. Porque a natureza é uma obra em aberto que nos compete aceitar e potenciar. A princesa disse: desejo-vos [...] o esplendor livre da natureza. Desejo-vos a liberdade. E, por amor, estarei sempre aqui [...]»³⁸.

Tendo-se sacrificado por amor aos outros, qual Cristo redentor, a princesa é aplaudida por todos, inclusive pelo rei, agora comovido e amaciado, convencido e edificado. A princesa tinha operado o milagre da mudança, sinal de santidade, presença do sagrado e, logo, alvo de devoção. Com a sua esperança, a princesa havia transformado o erro alheio em acerto de todos.

O *rosto* oferece-nos uma família de vigilantes florestais, isolados lá nos confins dos montes, mas sempre atentos ao seu redor. Uma bela metáfora da atitude de certas pessoas que, ainda que mais caladas, discretas, são heróis, pois percebem exatamente quando, onde e como agir.

Ouçamos as palavras mágicas de mais um menino:

³⁶ MÃE, 2015: 67.

³⁷ MÃE, 2015: 68.

³⁸ MÃE, 2015: 70.

Quando se vive num silêncio tão grande, [...] aprende-se a ver melhor. Aprende-se a ver pela cor das coisas, pelo movimento e até pelos odores o que pode estar a acontecer.

Sabíamos sempre muito bem da tempestade, e distinguíamos muito bem a tempestade das chuvas mais fracas e nunca nos enganávamos com os ventos frios da primavera, que eram passageiros e aqueciam se nos puséssemos ao sol³⁹.

Aprendemos uma certa descrença deste pequeno narrador, que prova saber que a resolução dos problemas não é perene, já que o vento varre esse ambiente primaveril paudado de esperança, sentimento que o pai do rapaz tão bem conhece:

O meu pai [...] parecia ser paciente e ter tempo de esperar. Como se esperasse que o trabalho, num dado momento, estivesse completo para sempre e não precisássemos mais de trabalhar. O que era o mesmo que não precisarmos mais de viver ali, julgava eu⁴⁰.

Ao ingressar na escola, o menino aprende que o muito e o longe são relativos, pelo que olhar para o rosto dos outros pode ser bastante e uma imensidão de aprendizagens:

[A professora d]isse-me que o rosto de cada um também era imenso como a paisagem e, visto com atenção, tinha distâncias até infinitas que importava percorrer.

Nesse dia voltei da escola como se tivesse a tampa da cabeça aberta e os pensamentos me fugissem para o vento⁴¹.

Apesar de não ter percebido logo as palavras sábias da professora, mais adiante, depois de analisar o rosto preso à imaginação de uma menina «distraída», confessa:

Percebi que para dentro de nós há um longo caminho e muita distância. Não somos nada feitos do mais imediato que se vê à superfície. Somos feitos daquilo que chega à alma e a alma tem um tamanho muito diferente do corpo⁴².

Esta mudança de perspectiva é sintomática do amadurecimento como pessoa. É o momento de lucidez do crescimento, em que o menino percebe que já não é o mesmo, que é também ele já um Outro com quem tem de aprender a lidar. «Faz-se uma espécie de caminho iniciático, de aprendizagem e descoberta do Outro, mas também, e necessariamente, de si próprio»⁴³.

Aprender que o nosso mundo não é único, que há outras realidades interiores, que há outros *eus* que nos podem completar e que podemos ajudar, é uma descoberta ímpar para este menino, até há pouco tempo errado por pensar conhecer a imensidão do mundo:

Entendi que o rosto é extenso e infinito, capaz de expressões que vamos conhecendo e outras que nunca vemos. Toda a vida precisamos de estar atentos, se assim não fizermos vamos perder

³⁹ MÃE, 2015: 81.

⁴⁰ MÃE, 2015: 82.

⁴¹ MÃE, 2015: 84.

⁴² MÃE, 2015: 85.

⁴³ PATRIARCA, 2016: 389.

*muito do mais importante que acontece em nosso redor. Como se houvesse um incêndio mesmo diante de nós e nem sequer o percebêssemos antes que restem as coisas completamente queimadas*⁴⁴.

De facto, «Valter Hugo Mãe propõe uma atitude de vigília, de interesse, num cenário em que cada Indivíduo é, em parte, responsável pela compreensão daqueles que o rodeiam e, por intermédio dessa capacidade, um mais profundo conhecedor de si próprio»⁴⁵.

Em *O rapaz que habitava os livros*, o erro prende-se com o proibir a leitura e/ou ridicularizar quem lê e/ou o ato de não ler, porque «[t]odos os livros são conversas que os escritores nos deixam»⁴⁶. A beleza dos livros está mesmo naquilo que nos deixam no âmago do nosso ser:

*Mais tarde, aprendi que os livros acontecem dentro de nós. Claro que eles podem ser bonitos de ver, mas são sobretudo incríveis de pensar. Eu disse que ler é como caminhar dentro de mim mesmo. E é verdade. Quando lemos estamos a percorrer o nosso próprio interior*⁴⁷.

O conselho de Mãe é o de que leiamos (ou não), mas que façamos esse caminho interior e que as palavras lidas ou ditas nos permitam desenvolver a imaginação, que nos permitam sonhar com algo de grandioso, ainda que hipoteticamente utópico, pois «[s]ervia de maneira divertida para fazermos de conta que o mundo era maravilhoso e, subitamente, o mundo inteiro parecia mesmo maravilhoso»⁴⁸.

Esta construção de um mundo melhor está plasmada na conceção de leitura deste jovem leitor (voz do autor), que adota esse meio para ensinar aos outros a beleza das coisas que os levam a mudar, para que melhorem como pessoas que contribuem para um mundo mais justo, mais digno, mais humano:

*Um dia, eu disse: vamos brincar à beleza das coisas. Que se pensam, como as que se lêem. Porque as coisas que se lêem precisam de ser pensadas. E ela [uma amiga] perguntou: as que existem ou as que não existem? E eu disse: todas. As coisas todas que pudermos imaginar*⁴⁹.

Quando, no colégio interno, lhe tiraram os livros da estante para não ler à noite, o menino, que já se sentia abandonado pela família, que era alvo da chacota dos colegas por se isolar e viver no seu mundo da imaginação despoletada pela leitura, e que como amigos apenas tinha uma menina, sentiu-se ainda mais só. Passou, então, a ler de dia, de tal modo profundo, que «parece que se mudou para dentro do livro»⁵⁰. E nesses instantes, alheado do mundo que lhe não prestava atenção, ele sorria e era feliz.

«Modo de amar» apresenta-nos o erro de não ser dada a uma criança a oportunidade de desenvolver os afetos. De facto, há aí um menino que pede insistentemente um animal

⁴⁴ MÃE, 2015: 86.

⁴⁵ PATRIARCA, 2016: 390-391.

⁴⁶ MÃE, 2015: 95.

⁴⁷ MÃE, 2015: 95.

⁴⁸ MÃE, 2015: 95.

⁴⁹ MÃE, 2015: 95.

⁵⁰ MÃE, 2015: 97.

de estimação à mãe, que, insistentemente, por razões estapafúrdias, incômodos de adulto, lhe nega essa possibilidade de se relacionar com um ser diferente, com particularidades próprias da sua natureza.

O rapaz conclui que «[q]uem se vê privado de amar inventa outra realidade, uma realidade melhor, ainda que seja por fantasia»⁵¹. É tendo por base esta verdade que o rapaz sonha com o animal perfeito para si: um canário de canto delicado que o acompanha para a escola e que nunca se afasta dele. O rapaz compreende que prendera o pássaro no peito: «Tinha um pássaro no coração. Era, assim mesmo, o lugar mais decente para aprisionar um animal de estimação»⁵². Acolhido no lar do coração, o canário jamais perderia o amor do rapaz, a criança que encontrou uma forma alternativa de transmitir o seu amor aos outros seres.

O mau lobo é claramente uma revisitação do conto *Capuchinho Vermelho* em que nada é o que parece. Começamos por encontrar a menina do capuz *in medias res*, a caminhar já pelo bosque e a ser farejada não por um lobo apenas, mas por toda uma alcateia que expectava atacar aquele «traço de sangue a percorrer a floresta»⁵³. Ora, este traço de sangue, nesta versão do conto, carga nenhuma tem de cariz sexual, ainda que esteja ligado à pureza da menina. O que nela pulsa é a pureza da alma, um espírito sonhador e inocente que acredita em lendas do lago, em seres da floresta e que sonha em fundir-se com a Natureza: «Ali [nas águas do lago], a menina tantas vezes nadava, também ela dividida entre ter alma de flor ou de peixe. De tão pura, também a menina cintilava»⁵⁴. Saliente-se, pois, a delicadeza, a paciência deste ser, cujo sangue simboliza a vida e a alegria de viver em comunhão com tudo e todos em torno de si.

É nesta atmosfera de sonho que o narrador nos apresenta a menina do capuz vermelho, que, distraída nos seus pensamentos de felicidade por rever a avó, não se apercebe do perigo iminente: o ataque do lobo está próximo e nós, leitores, conseguimos sustentar a respiração sabendo que o pior está prestes a ter lugar.

Porém, por cautela ou (des)organização, a alcateia não ataca a menina de imediato. É a deixa para o inesperado: um lobito muito jovem, inocente também ele pois apenas sabia brincar, cai de uma rocha, diante da menina, que se abeira do pequeno ser e, delicada, caridosa, instintivamente protetora, o coloca dentro do cesto dos bolinhos destinados à avó, entretanto espalhados, momento após o qual corre com urgência, sempre aconchegando o cesto ao peito, até à casa da anciã, para que esta cure o lobito das possíveis mazelas causadas pela queda. A beleza anímica desta menina é-nos ofertada pelas palavras do narrador: «Não conteve as lágrimas. Entendera que precisava de fazer de tudo para curar o lobito, seria a única cura para a sua própria tristeza, para as suas lágrimas»⁵⁵. Importante ainda a expressão que o narrador recupera para caracterizar a menina: «traço de sangue sagrado que corria pela floresta»⁵⁶. Ao contrário do que afirma Gabriela Fragoso, que entende o adje-

51 MÃE, 2015: 106.

52 MÃE, 2015: 106.

53 MÃE, 2015: 113.

54 MÃE, 2015: 113.

55 MÃE, 2015: 116.

56 MÃE, 2015: 116.

tivo «sagrado» como um acesso da menina «a um patamar mais maduro e maternal»⁵⁷, encaramos o seu emprego como forma de denotar o carácter de excecionalidade da criança, que adquire uma aura de quase santidade. O sangue sagrado é apre(e)ndido, deste modo, como a abertura a uma nova vida, espiritual, a da lucidez do (auto)conhecimento, à qual os lobos cedem por intervenção de uma entidade salvadora. A menina do capuchinho vermelho é vista como uma deusa protetora da Natureza e do bem-estar dos seus elementos. Como tal, perante as suas ações, «todos os lobos suspenderam a respiração e se afligiram»⁵⁸, tal foi o inusitado da situação.

Os lobos (os homens?) aprendem, assim, uma lição de vida: a necessidade de ajudar os outros é algo que deve ser inerente ao ser humano. De facto, por que razão uma alcateia leva um filhote para uma caçada? Certamente para o ensinar a caçar. Ora o objetivo sai furado, pois, ainda que se quisesse que ele aprendesse a ser feroz e vil(ão), acabam por lhe ensinar (indiretamente, através das ações da menina), bondade, misericórdia, compaixão para com as vulnerabilidades dos outros. A menina é, nesta versão, o elo mais forte; ainda que sujeita a perigos, ainda que o lobito pudesse fazer parte de uma cilada, ela encorajou-se e avançou para a bondade de cuidar de um ser que precisava de ajuda. No final, «[os] lobos, angustiados, amainaram diante das janelas da velha senhora [...]. E a avó e a menina [...] ali os viram finalmente. Eram lobos calados, deitados sobre as patas como fazem os cães mais sensíveis»⁵⁹. O erro dos lobos tornou-os lúcidos: aprenderam que com os mais «fracos» não se brinca e tornaram-se seres melhores, tornaram-se maus lobos...

Quatro velhos quebra, aparentemente, a corrente dos restantes contos deste livro. A maior parte deles concentra-se na liberdade das crianças: do que querem ser, do que querem fazer, do que sabem sentir ou criar. Uma liberdade muitas vezes castrada pelos adultos, que não veem nelas seres pensantes e emotivos que, facilmente moldáveis, muito mais moldáveis que eles, podem e devem ser guiadas para o Bem, por forma a caminharem em direção à arte de ser gente.

Por contraste, *Quatro velhos* apresenta-nos dois casais de idosos de uma aldeia do interior, «quatro velhos remediados», último resquício humano do êxodo rural, «cansados de resistir»⁶⁰. Quatro almas «sem lonjuras nem sonhos maiores do que as vistas»⁶¹, limitação geográfica influenciadora de uma certa limitação intelecto-sentimental.

Há, porém, diferenças assinaláveis entre as duas famílias. Vivendo em dois pontos opostos da aldeia, o casal da ponta da igreja era mais ligado às questões religiosas, questões sem resposta divina. Afirma o narrador: «E a vida era adoração»⁶². Por sua vez, o casal do precipício possuía mais vistas e menos crenças. Tinham fé, mas eram mais ligados às coisas terrenas. Perante esta perspetiva de vida, o narrador afirma: «E a vida era adoração»⁶³. Jogo de palavras interessante, este, em que há uma espécie de crítica ao fanatismo religioso: se no

⁵⁷ FRAGROSO, 2016: 405-406.

⁵⁸ MÃE, 2015: 115.

⁵⁹ MÃE, 2015: 116.

⁶⁰ MÃE, 2015: 135.

⁶¹ MÃE, 2015: 135.

⁶² MÃE, 2015: 136.

⁶³ MÃE, 2015: 136.

primeiro caso, a adoração é remetida para o Senhor, no caso do segundo o casal, ela é direcionada para as vivências terrenas e tudo o que de bom elas podem trazer a si e aos outros.

Esta perspectiva do casal da ponta do precipício torna-se inteligível quando propõem ao casal da ponta da igreja, durante a ceia de Natal, que a festa da passagem de ano tenha lugar na sua casa, lá «longe» da igreja. O casal sugere um evento alegre, em que receberiam Deus de forma festiva. Queriam o advento relacional, pelo que procuravam agradar aos vizinhos, os seus únicos vizinhos, com quem, lamentavam, mantinham apenas uma relação de circunstância, pretendendo fazê-los mais alegres: «A velha da ponta do precipício sorria [...] e esperava que o casal amigo sorrisse também. Queria muito vê-los sorrir [...]»⁶⁴. O casal da igreja, «pedras duras, casmurras, aos encontrões»⁶⁵, «pedras casmurras, [...] cada vez mais fechadas, burras dos afectos. Estavam burros dos afectos»⁶⁶, não se comoveu, pois considerava que comemorar essas festividades dessa forma era um ato desonroso de desperdício de tempo e de dinheiro, e, para mais, não daria para vigiar a igreja, imperativo que, como vigilantes do lar divino, tinham o dever de cumprir, pois para eles Deus não há de sair de sua casa. Segundo eles, dever-se-ia, antes, cuidar da educação, das maneiras: «A dignidade é que limpa tudo e faz bonito»⁶⁷.

A sugestão do casal do precipício esvai-se, então, na impossibilidade de se criarem laços de família entre os quatro únicos habitantes da aldeia. A iniciativa de chegarem à união é arruinada e resta a desolação: «Nunca por ali existira um natal tão triste»⁶⁸.

Ainda assim, o casal do precipício prepara a festa e investe novamente na proposta: os idosos dirigem-se à morada do casal da igreja para reforçar o convite, mas estes, continuando «pedras e burros»⁶⁹, mantêm-se inflexíveis e obstinados nas suas vivências e convicções.

O casal do precipício havia acreditado que a chuva da noite anterior limpava a Terra e a incompreensão do casal da igreja, mas encontrou a mesma «má vontade»⁷⁰: «[Era-lhes] tão estranho que permitissem nenhuma compaixão numa altura tão especial do ano»⁷¹.

Desmoralizados, desesperançados, descrentes da Humanidade, percebem que esta foi a sua última tentativa, que não têm capacidade para mais lutas, pois não há remédio para o casal vizinho.

É nesse momento que a terra começa a mover-se e o casal do precipício é empurrado mortalmente pelo abismo. Dois caminhos simbólicos podem ser sugeridos para este final: por um lado, podemos perceber o suicídio do casal, que encontra uma forma de se afastar desse tamanho «inferno» na terra advindo da falta de sensibilidade, da ausência da alegria de viver e da despreocupação com os outros, a incapacidade de construir relações salutarres, aceitando a diversidade que enriqueceria as vivências comuns; por outro lado, podemos adivinhar uma leitura sagrada: o abalo de terra poderá ter sido causado por interven-

64 MÃE, 2015: 138.

65 MÃE, 2015: 136.

66 MÃE, 2015: 137.

67 MÃE, 2015: 138.

68 MÃE, 2015: 138.

69 MÃE, 2015: 140.

70 MÃE, 2015: 140.

71 MÃE, 2015: 140.

ção de Deus, que leva o casal unido para junto de Si, como recompensa pelas suas ações terrenas, afastando-os daqueles seres mesquinhos, que ficam isolados e completamente sós, remetidos à sua vil tacahez.

É, pois, clara a crítica aos que agem em nome de Deus, mas cujas atitudes, afinal, não os fazem moradores do Seu reino. É forte o alerta para a falta de comunicação entre as pessoas, uma falha que traz problemas irresolúveis aos homens, que plasmam a sua velhice interior, a tal pedra, a tal burrice dos afetos. Assim, o erro do casal da igreja é a salvação do casal do precipício. O arquétipo da morte e do conseqüente vazio da alma associado ao abismo a que se refere Fragoso⁷² é, no nosso entender, um pressuposto derrubado, pois aqui o abismo é paraíso e paz interior. Discordamos também da conceção de Raquel Patriarca quando refere que «a mensagem final [deste conto] não é de esperança e otimismo. Aqui, os fossos aumentam de tal forma que o casal [...] se sente entornado [...]»⁷³.

O facto de surgir quase no final do livro faz deste conto o portador de uma mensagem subliminar. *Os velhos* surgem imediatamente antes de *Bibliotecas*, onde já vimos que Mãe incita o leitor à ação, à mudança de atitude(s). Mas *Os velhos* também finaliza o desfile de contos dedicados às crianças. Fixando-se num lugar estratégico do livro, um lugar significativo de alerta, é-nos fácil atingir o convite estratégico do autor para o que não se deve ser (é um erro sê-lo): Valter Hugo Mãe pede-nos que sejamos todos crianças e não velhos. Isto porque, como a maioria dos contos permite perceber, as crianças são a «prefiguração de uma humanidade que não tem complexos de se assumir em toda a sua nobreza e generosidade. Pode ser um truísmo, mas os contos de Valter Hugo Mãe acordam o lado bom do ser humano»⁷⁴, procuram a salvação dos homens como ser: humano. Assim, o autor lança-nos ao espírito a questão determinante. O que queremos ser? As crianças que todos os dias aprendem algo de novo, criam mundos novos, tornam o mundo melhor com a sua visão idealista? Ou, em vez disso, os velhos rabugentos, indelicados e orgulhosamente sós deste conto? Ser ou ser, eis a questão.

Por seu turno, o conto *As mais belas coisas o mundo* é protagonizado por um menino com forte ligação a um avô sábio, que aprendeu a sê-lo vivendo, experimentando, sempre e sempre, porque, como a vida é um mistério «o importante era seguir procurando. Estar vivo é procurar, explicava»⁷⁵. Por isso, passou ensinamentos válidos de como ser Homem ao neto, que o adora, um neto que reconhece no avô «uma casa inteira»⁷⁶ de acolhimento, candura e amor, tal era o seu abraço, «um mistério tremendo»⁷⁷ para o pequeno e franzino rapaz.

O que ensina este avô? Ensina o valor das aprendizagens, pois «aprender é mudar de conduta, fazer melhor. Quem sabe melhor e continua a cometer o mesmo erro não aprendeu nada, apenas acedeu à informação. [...] Quando lhe perguntei porquê, ele respondeu que só assim se falava verdadeiramente acerca de felicidade. Para estudar o coração das pessoas é preciso um cuidado cirúrgico»⁷⁸.

72 FRAGOSO, 2016: 410.

73 PATRIARCA, 2016: 400.

74 FRAGOSO, 2016: 411.

75 MÃE, 2015: 123.

76 MÃE, 2015: 123.

77 MÃE, 2015: 123.

78 MÃE, 2015: 123.

Nesta ordem de ideias, o avô ensina o quão gratificante é crescer depois de se aprender a resolver os erros, os problemas da vida: «De cada vez que a nossa cabeça resolve um problema aumentamos de tamanho. Podemos ser gigantes, cheios de lonjuras por dentro, dimensões distintas, países inteiros de ideias e coisas imaginárias»⁷⁹.

Ensina também a não se desistir perante a não resolução imediata dos problemas, pois é preciso ter esperança: «O meu avô pedia que não me desiludisse. Quem se desilude morre por dentro. Dizia: é urgente viver encantando. O encanto é a única cura possível para a inevitável tristeza»⁸⁰.

O avô ensina ainda, referindo-se de forma subentendida aos bons sentimentos, ao Amor, que o que importa não é o preço das coisas, mas o seu valor e, por tal, deveria ser um bem essencial a toda a gente: «Ele acreditava que faltava no mundo mais coisas sem preço devido ao grande valor que tinham. Na verdade, quanto maior o valor mais indecente se torna que sejam vendidas. Aquilo que há de mais valioso deve ser um direito de toda a gente e distribuído por graça e segundo a necessidade»⁸¹. Para o avô, era importante cultivar «as coisas mais belas do mundo»⁸², os valores que tem noção de se estarem a perder: «a amizade, o amor, a honestidade e a generosidade, o ser-se fiel, educado, o ter-se respeito por cada pessoa. Ponderou se o mais belo do mundo não seria fazer-se o que se sabe e pode para que a vida de todos seja melhor»⁸³.

O avô, ser iluminado e luminoso, ensinou, por fim, que é preciso pensar sobre os erros do mundo, para agirmos contra o que vai mal. Assim, o menino compreendeu a força criadora do pensar, baseada na força persistente da esperança:

A beleza, compreendi, é substancialmente o pensamento, aquilo que inteligentemente aprendemos a pensar. A força do pensamento haverá de criar coisas incríveis, científicas, intuitivas, maravilhosas, profundas, necessárias, movedoras, salvadoras, deslumbrantes ou amigas. Pensar é como fazer.

Para a beleza é imperioso acreditar. Quem não acredita não está preparado para ser melhor do que já é. [...] Para mudar o mundo, sei bem, é preciso sonhar acordado. Apenas os que desistiram guardam o sonho para o tempo de dormir»⁸⁴.

Nesse sentido, após a morte do avô, o menino sente-se fiel sucessor dos seus ensinamentos e, inspirado, passa-os à prática, porque, como o avô, aprendeu o que é o Amor:

Pensei: dentro do coração há sempre um abraço. Passeia viver sobretudo dentro do coração, como uma casa que não pode ir-se embora. [...]

[...] Fico aninhado com a esperança de crescer esplendorosamente por dentro do amor. No verdadeiro amor tudo é para sempre vivo. E sei que, como as pedras, vivo da sede. Quero sempre inventar a vida»⁸⁵.

⁷⁹ MÃE, 2015: 124.

⁸⁰ MÃE, 2015: 124.

⁸¹ MÃE, 2015: 125.

⁸² MÃE, 2015: 126.

⁸³ MÃE, 2015: 126.

⁸⁴ MÃE, 2015: 127.

⁸⁵ MÃE, 2015: 128.

Deixamos propositadamente para o final *As mais belas coisas do mundo*, pois este conto faz a ponte entre *Os velhos* e os restantes, e resume na perfeição o propósito de todo o livro. São evidentes, nestes contos, duas dimensões do erro: a intradieética — ligada aos erros das personagens e à forma como elas resolvem essas falhas — e a extradieética, que transpõe as fronteiras das narrativas, pois, partindo delas, mostra-se ao leitor como elas são o espelho dos erros da Humanidade, para que ele possa aprender a melhorar-se, para que ele cresça como ser humano e, assim, se torne um agente de mudança para um mundo melhor.

É notório que estes contos pressupõem o crescimento pessoal em busca da suprema humanização/humanidade (dependendo, ironicamente, do grau de que parte cada homem). Pressupõe-se que os leitores renascem depois da leitura destes textos. Logo, ler implica uma nova génese do leitor como um «eu» renovado, humanamente melhorado.

Estes contos funcionam como «uma espécie de farol que anuncia aos homens o caminho a trilhar em prol da salvação da sua humanidade»⁸⁶, porque, depois de os lermos, não nos demarcamos do nosso quinhão de culpa e fica-nos a vontade de agir, numa urgência de melhoria do Homem e, por conseguinte, do mundo. É a «tentativa de provocar o mundo a partir da literatura»⁸⁷.

Notamos, pelo exposto, que neste livro pulsa a vida, há futuro para a vida, há crença na Humanidade. Há a solução, o acerto para o(s) erro(s) do ser humano. Através dos livros, deste livro, há a esperança, a motivação para a ação, para o sonho de um mundo melhor, em que a Felicidade é a outra visão do mundo, pois as histórias nele guardadas são um incentivo à mudança, numa melhoria do ser-se humano.

Por isto mesmo, na *Nota do autor* com que encerra a obra, Valter Hugo Mãe confessa a sua incapacidade de escrever para as crianças, precisamente porque não sabe escrever simplesmente como forma de diversão. Para ele, a literatura, como arte, tem de ser um «veículo de ideias»⁸⁸, tem de ter um cunho didático, uma vertente pedagógica de transformação do mundo, apesar de ele não querer ser um moralista, apenas um homem de moral⁸⁹. Esclarece, assim, o tom interventivo da sua escrita, de que estes contos são expoente último:

O trágico de se escrever para os mais novos está na veiculação de princípios éticos, como se lhes ministrássemos um medicamento através do texto, na expectativa de que possam vir a resultar numa sociedade curada de determinados males. No fundo, restringimos obscenamente a liberdade das crianças, porque não permitimos que apenas se divirtam. Admito, não tenho jeito nenhum para textos que apenas divirtam. Mas melhorar o mundo, servindo às crianças uma ética e uma sensibilidade em que acreditamos, é o mesmo que lhes pedirmos que cresçam melhores do que nós. Que abdicuem de crescer grotescas como podemos haver crescido tantos de nós. Isso, para um instante de leitura que talvez só devesse passar perto do que é brincar, é como atirar uma responsabilidade que, na verdade, a criança não pediu para assumir. De certo modo, as crianças têm o direito de crescer tão más como nós, quanto a nossa geração, quanto qualquer geração. O problema de termos esperança é sempre e sobretudo nosso. Quero dizer, se eu tivesse filhos,

⁸⁶ MATOS, 2016: 450.

⁸⁷ TEOTÓNIO, 2014: 53.

⁸⁸ SARAIVA, 1993: 162.

⁸⁹ Cf. MÃE, 2016b: 34.

haveria de os empanturrar de sensibilidade e valores porque acredito num mundo assim. Como não tenho e escrevo livros que, concretamente, vão ser lidos por crianças que não me pertencem, enfrento dúvidas acerca da validade de lhes levar muita sensibilidade e valores. Por outro lado, toda a literatura é assim, feita com um sonho qualquer, consumida com outro. Em algumas exceções, um sonho e outro haverão de coincidir⁹⁰.

Ainda que, aparentemente, sugira que nestes contos palpita a sua vontade de instruir crianças, diz-se incapaz de o fazer, pois a sua função é a de acordar os responsáveis por essas crianças, para, eles sim, darem o rumo certo às vivências sociais e morais dos seus protegidos, uma vez que estes, leitores que naturalmente procuram a diversão, poderão não atingir a(s) mensagem(ns) veiculadas:

Espero sinceramente que muita gente coincida na vontade de proporcionar melhor aos filhos [...] até que possam ser felizes muito mais do que alguma vez fomos. A felicidade à espera das crianças deve ser um orgulho para as gerações que lhes precedem. Se não servirmos para tal, falhamos. Apenas a felicidade que se presente pode redimir agruras e falhas. [...] [A]s crianças não podem perder pela tragédia do mundo que os adultos criam⁹¹.

Fica claro o propósito de Mãe ao escrever esta obra: consciencializar os adultos para os erros, de forma a solucioná-los, por forma a deixarmos às gerações vindouras um mundo melhor, mais feliz, mais edénico.

Valter Hugo Mãe define-se como semeador da palavra e procura fecundar o leitor para que as ideias germinem e se transformem em ações. De facto, a escrita valteriana estrutura-se nessa função pedagógico-didática mencionada por António José Saraiva: «[o] escritor opera sobre as «almas» (=público) para com elas realizar «almas» (=obra)»⁹².

É «a imagem romântica do escritor semeador de ideias, que tem uma longínqua origem bíblica. Segundo a parábola, o pregador é o semeador, a palavra é a semente e o ouvinte é a terra mais ou menos fecunda em que ela germina ou, pelo contrário, seca»⁹³.

O escritor pretendeu, assim, construir uma «máquina de fazer sentir»⁹⁴, que, nutrin-do-se de diferentes episódios ficcionais negativos como matéria-prima, os opera na esperança para o otimismo. Custa-lhe escrever sem esse objetivo, o de recuperar o que pode ser recuperável.

Este será, pois, o fim último do nosso contista: qual progenitor de adultos, qual voz materna, protetora e ciosa do bem dos seus para o Bem maior, intenta, perante os erros, esclarecer, orientar, para mobilizar, os seus *filhos*, os leitores, a edificarem um mundo outro, grandioso e magnífico, justo e virtuoso, em que o humano, tocado pela *celestialidade*, veja o mundo de forma esclarecida. Busca, em esperança e idealização, alcançar o *homo illustratus*.

⁹⁰ MÃE, 2015: 157-158.

⁹¹ MÃE, 2015: 158-159.

⁹² SARAIVA, 1993: 172.

⁹³ SARAIVA, 1993: 175.

⁹⁴ COUTO, 2015: 11.

Valter Hugo: Mãe? Sim. No sentido em que é uma entidade criadora e permite à sua obra ganhar asas e ter a liberdade de percorrer o caminho traçado, um trilho (cri)ativo, baseado nos fundamentos matriciais que o fizeram desenvolver-se. Como obra de arte que é, o livro *Contos de cães e maus lobos* guarda na sua essência o facto de

*ser comunicativa [...] [e] de desencadear no seu leitor [...] um processo que também é activo e criador. Para o artista, a obra criada é um momento de condensação e de consumação da actividade criadora; para o destinatário, atingido por essa obra ela é o começo de uma nova actividade. [...] [A] obra criada nunca é para o destinatário a mesma coisa que para o artista que a criou: ela abre um novo processo, um novo ciclo de criação, que não é a repetição daquele que se consumou na obra comunicada. E por essa razão o essencial não é que ela diga isto ou aquilo (quando diz) ou que ela signifique precisamente isto ou aquilo, mas sim que ela suscite a participação, a actividade do destinatário, e dessa forma a invenção do destinatário*⁹⁵.

É, resumidamente, segundo Valter Hugo Mãe, tempo de fazer...

BIBLIOGRAFIA

- COUTO, Mia (2015) — *Um pequeno prefácio para contos gigantes*. In MÃE, Valter Hugo (2015) — *Contos de cães e maus lobos*. Porto: Porto Editora, p. 11-12.
- CRUZ, Afonso (2015) — *Jalan Jalan*. «Jornal de Letras», n.º 1179, p. 29.
- FRAGOSO, Gabriela (2016) — *Os pequenos mundos de Valter Hugo Mãe: os Contos de Cães e Maus Lobos*. In NOGUEIRA, Carlos, coord. — *Nenhuma palavra é exata*. Porto: Porto Editora, p. 405-412.
- PATRIARCA, Raquel (2016) — «*Todas as pessoas são a felicidade de alguém*»: o sentido do outro na literatura infantojuvenil de Valter Hugo Mãe. In NOGUEIRA, Carlos, coord. — *Nenhuma palavra é exata*. Porto: Porto Editora, p. 383-403.
- MÃE, Valter Hugo (2010) — *Dez anos*. «Jornal de Letras», n.º 1026, p. 9.
- ____ (2015) — *Contos de cães e maus lobos*. Porto: Porto Editora.
- ____ (2016a) — *Deus*. «Jornal de Letras», n.º 1187, p. 30.
- ____ (2016b) — *Os fantasmas*. «Jornal de Letras», n.º 1196, p. 34.
- ____ (2017) — *Ser alguém*. In *O livro das 1001 noites*. Lisboa: Expresso, p. 3-6.
- MATOS, Paulo (2016) — «*Casa de papel*»: a arte de ser gente na crónica de Valter Hugo Mãe. In NOGUEIRA, Carlos, coord. — *Nenhuma palavra é exata*. Porto: Porto Editora, p. 444-460.
- SARAIVA, António José (1993) — *Ser ou não ser arte. Estudos e ensaios de metaliteratura*. Lisboa: Gradiva.
- TEOTÔNIO, Rafaella (2014) — *Valter Hugo Mãe: a escrita como devir*. In «*Revista Blecaute — Literatura e Artes*», ano 6, n.º 17, p. 49-53. Disponível em <<http://revistablecaute.com.br>> [consulta realizada em 19/11/2017].

⁹⁵ SARAIVA, 1993: 164.